

HOJE É DIA D...

JUL 2022

EDIÇÃO Nº 38

25 de julho

**Dia
Nacional de
Tereza de
Benguela e
da Mulher
Negra**

Mulher negra sentada, vista frontal. Félix Vallotton



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária do Paraná
Núcleo de Documentação e Memória
Seção de Memória Institucional

F. VALLOTTON. 11

Em 2 de junho de 2014, foi instituído, por meio da Lei nº 12.987, o dia **25 de julho** como o **Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra**.

A data foi escolhida em razão do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e da Diáspora, também comemorado no dia 25 do mesmo mês. Esta, por sua vez, foi instituída para dar visibilidade à luta das mulheres negras na região, a partir do primeiro Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas ocorrido em 1992, em Santo Domingo, na República Dominicana. O evento reuniu mais de 300 representantes de 32 países para denunciar opressões e debater soluções na luta contra o racismo e o sexismo.



MAS, AFINAL, QUEM FOI TEREZA DE BENGUELA?

“Governava esse quilombo a modo de parlamento, tendo para o conselho uma casa destinada, para a qual, em dias assinalados de todas as semanas, entrava os deputados, sendo o de maior autoridade, tipo por conselheiro, José Piolho, escravo da herança do defunto Antônio Pacheco de Moraes, Isso faziam, tanto que eram chamados pela rainha, que era a que presidia e que naquele negral Senado se assentava, e se executava à risca, sem apelação nem agravo.” - Registro de Vila Bela do ano de 1770

Tereza de Benguela, a rainha Tereza, liderou entre 1750 e 1770, após a morte de seu companheiro, José Piolho, o Quilombo do Quariterê, situado entre o rio Guaporé e a atual cidade de Cuiabá. O lugar abrigava mais de 100 pessoas, resistindo por duas décadas, quando foi destruído pelas forças de Luís Pinto de Sousa Coutinho, governador da capitania do Mato Grosso.



MILENA *como*
★ TEREZA DE BENGUELA ★

#DONASDARUA

Mulheres Negras no Poder Judiciário



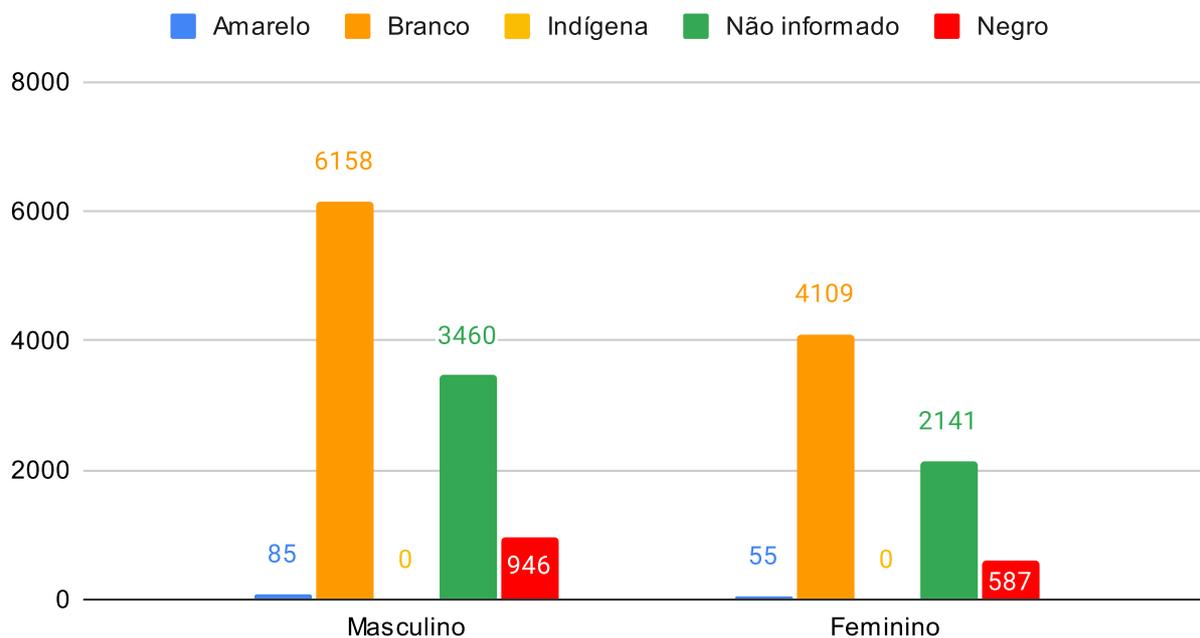
Segundo dados da **Pesquisa sobre Negros e Negras no Poder Judiciário**, publicada pelo Conselho Nacional de Justiça no ano passado, o Poder Judiciário possui **587** magistradas e **21.158** servidoras negras, dentre estas, **13** pertencentes ao Tribunal Regional da 4ª Região. Já a Seção Judiciária do Paraná conta com **4** servidoras autodeclaradas negras.

Contudo, é relevante destacar que é expressiva a falta de informações sobre raça/cor de magistrados (as), servidores (as) e estagiários (as) nos tribunais brasileiros, constituindo inclusive um dos maiores achados de pesquisa, sendo constatado pelo próprio CNJ.

Você pode consultar as estatísticas apuradas na pesquisa através de gráficos dinâmicos neste **Painel**, do qual extraímos os dados a seguir:

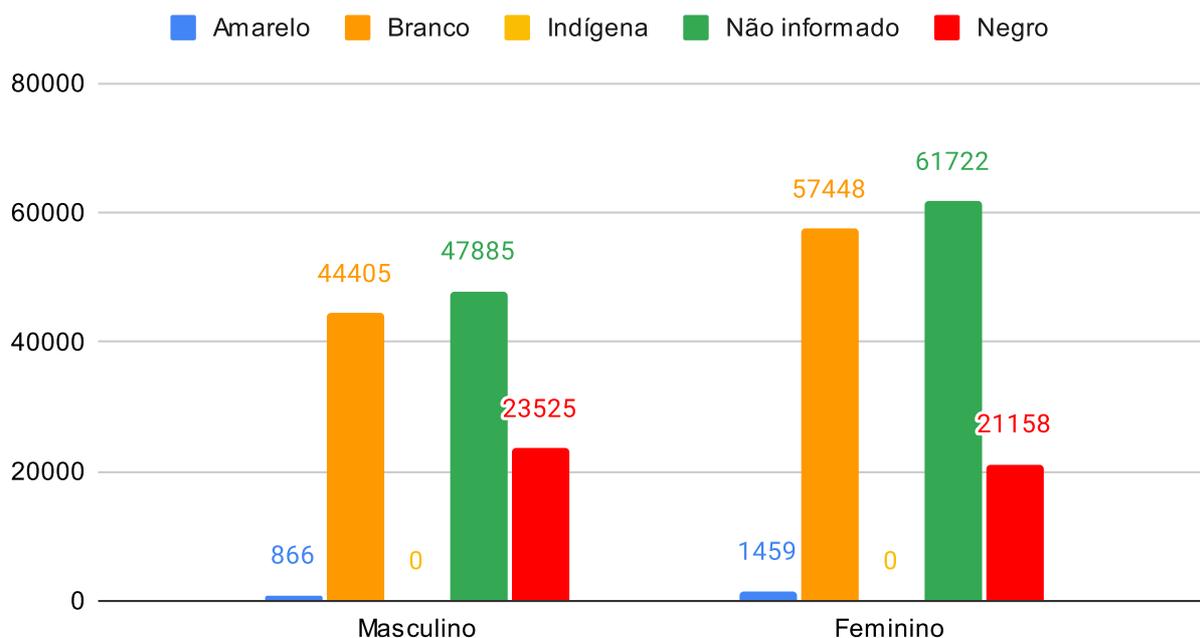


Quantidade de Magistrados por Raça/Cor no Poder Judiciário



Pesquisa Sobre Negros e Negras no Poder Judiciário (2021) - Conselho Nacional de Justiça

Quantidade de Servidores por Raça/Cor no Poder Judiciário



Pesquisa Sobre Negros e Negras no Poder Judiciário (2021) - Conselho Nacional de Justiça

1ª MAGISTRADA NEGRA DO BRASIL



Juíza Maria de Aguiar Silva
Wikimedia Commons

Nascida em 1925, em Salvador, **Mary de Aguiar Silva** foi reconhecida pelo Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, em 28 de novembro de 2018, como a primeira juíza negra do país e teve seu reconhecimento publicado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) após reivindicar o título de precedência.

Atuou na corte da Bahia entre 1962 e 1995, nunca chegando ao cargo de desembargadora. 60 anos após seu ingresso na carreira, a sub-representação de mulheres negras na magistratura ainda é uma realidade.





Em 1962, o **Estatuto da Mulher Casada** era aprovado no Brasil, resguardando que mulheres casadas não precisavam mais da autorização do marido para trabalhar fora de casa, além do direito de requerer a guarda dos filhos na separação.

Neste mesmo ano de 1962, a magistrada baiana tomava posse no Tribunal de Justiça da Bahia, o mais antigo das Américas. A carreira de juíza teve início em Remanso, às margens do Rio São Francisco. Em 1967, transferiu-se para Belmonte, no litoral sul do Estado. Em 1978, seguiu para Salvador, onde atuou até se aposentar compulsoriamente em novembro de 1995, quando completou 70 anos.

Aos 92 anos foi homenageada com a outorga da Medalha do Mérito Judiciário em sessão realizada no Tribunal Pleno. Faleceu no dia 23 de fevereiro de 2021 aos 95 anos de idade.



Mary Aguiar, a primeira juíza negra do país - Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA)/Divulgação

COM A PALAVRA...



**YARA MARINA
MARTINS ALMEIDA**

"Ser mulher e negra em nosso País envolve desafios. Meu caminho na Justiça Federal começou quando eu cursava Direito e tive a oportunidade de estagiar na 4ª Vara Federal de Curitiba, sob a supervisão da Léa Otani. A recepção que eu tive na Justiça Federal pela Léa, pelo Dr Marcos Roberto Araújo dos Santos (juiz titular) e por toda a equipe foi tão boa, que no momento do encerramento do contrato de estágio eu pensei: "um dia eu quero voltar como servidora". Alguns anos mais tarde, em agosto de 2018, eu recebi a ligação tão esperada. Fui nomeada para trabalhar em Telêmaco Borba/PR, onde as lembranças boas foram consolidadas. Novamente a Justiça Federal me acolheu, agora sob a Direção do José Roberto Lopes e pelo Juiz Leandro Cadenas Prado e com uma nova equipe de trabalho. A caminhada entre esses dois momentos envolveu desafios, da conclusão da faculdade, passando pela preparação para o concurso (ou concursos) e por outras experiências profissionais. Em diversos momentos, fui questionada por esta escolha, por que escolher a Justiça Federal. E a resposta está no respeito, no bom ambiente de trabalho e no serviço prestado à comunidade externa, que vejo aqui todos os dias. Minha experiência na Justiça Federal como servidora ainda está no início, sei que haverá novos desafios, mas a experiência tem sido gratificante."



GESSYLANE FELIX PORFIRO DA SILVA

"Meu nome é Gessylane (tudo bem me chamarem de Gê). Sou Técnica Judiciária na Subseção Judiciária de Guaira - Seção Judiciária do Paraná.

Sou formada em Direito, natural da Paraíba, mudei-me para o RJ com 3 anos de idade e sou muito grata pelas décadas vividas naquela cidade. Sempre fui incentivada por minha mãe a estudar e trabalhar para ser independente. Minha mãe é a mulher mais forte que conheço.

Já fui técnica em enfermagem e trabalhei por aproximadamente 12 anos em centro cirúrgico em 4 hospitais. Depois de formada, advoguei durante 13 anos.

Entrei em exercício no dia 22/01/2020, pouco antes da pandemia. Foi um período difícil não só pelo estado de calamidade instalado, mas também por toda mudança (vim do RJ, morei lá por 04 décadas, apesar de não ser carioca "da gema", considero-me mais carioca que paraibana, afinal para ser carioca, não é necessário ter nascido na cidade).

Quando entrei em exercício, confesso que me bateu um certo receio, afinal, trabalharia numa região do país predominantemente branca. Já havia passado por um processo de identidade, assumido meus cachos e com disposição para realizar o trabalho que me fosse proposto com dedicação, como tudo que já fiz na vida, desde técnica de enfermagem em centro cirúrgico até a advocacia...

... O exercício no novo cargo como mulher negra e cotista foi desafiador. Contar com o apoio do Lucas Midões Ferreira, que entrou em exercício uma semana antes, sempre me incentivando a acreditar que eu conseguiria assimilar tanta coisa nova; da Daniella Cristina Mendes Sehaber, que me ensinou a dar os primeiros passos na realização das audiências, em uma vara de fronteira, com todas as suas nuances, bem como da Direção e equipe de trabalho foram (e ainda são) fundamentais. Os ensinamentos do Dr. Gustavo Chies Cignachi, Juiz titular da 1ª Vara Federal de Guaíba/PR, na condução das audiências foram me tornando mais segura a cada audiência realizada.

Não posso deixar de citar o apoio que recebi do servidor Marcos Cesar Candido Malta, que, inclusive, me incentivou a participar desta edição da revista digital.

Infelizmente, mulheres negras ainda são minoria no Poder Judiciário. Na verdade, elas são a menor parcela dentro de dois grupos minoritários: o das mulheres e o das mulheres pretas e pardas. Elas são a minoria da minoria.

Um exemplo mais próximo disso é que o e-mail/convite para participar desta edição da revista digital "Hoje é Dia D", no dia 25 de julho, em referência ao Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, foi encaminhado a apenas 04 (quatro) mulheres, entre elas, eu. Isso me fez refletir o quanto avançamos pouco. Mas todo avanço, por mínimo que seja, ainda é um avanço. Estamos aqui!

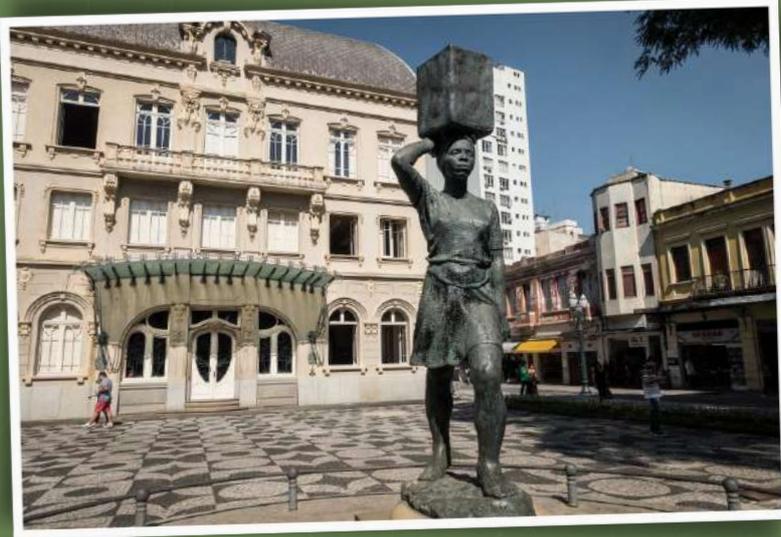
Políticas específicas de ação afirmativa que defendam uma maior pluralidade e diversidade são necessárias para todo judiciário, sobretudo para o STF.

Olhar para a Suprema Corte do País é constatar que a representatividade de gênero é historicamente baixa. Apenas 03 mulheres já chegaram ao cargo, todas no século XXI: Ellen Gracie ocupou uma das cadeiras de 2000 a 2011, e atualmente Carmen Lúcia e Rosa Weber integram a formação de ministros. A corte nunca contou com a presença de uma mulher negra. Essa realidade é, no mínimo, assustadora, pois o maior grupo demográfico da população brasileira nunca teve uma representante no STF.

*Abraços,
Gessylane."*

Confira ainda as indicações culturais da colega Gessylane ao final da edição!

Curiosidade



Escultura "Água pro Morro" localizada na fonte da Praça José Borges de Macedo em Curitiba - imagem: fotografandocuritiba

A escultura *Água pro Morro*, conhecida como "*Maria Lata D'Água*", do artista paranaense Erbo Stenzel, retrata Emerenciana Cardoso Neves, conhecida artisticamente por Anita Cardoso Neves.

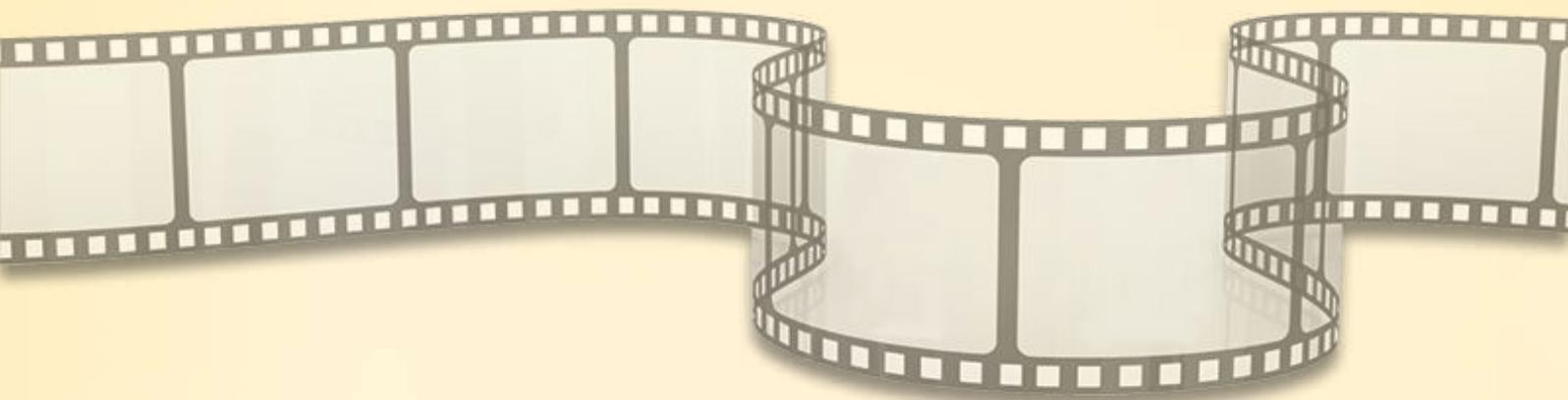


Anita Cardoso Neves
Jornal do Brasil (1971)

Emerenciana cursou a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1953. Foi escultora, poeta, contribuiu com enredos de escolas de samba e fez declamações de seus poemas em rádios. Colega de Erbo Stenzel, Emerenciana foi modelo para a criação da escultura.



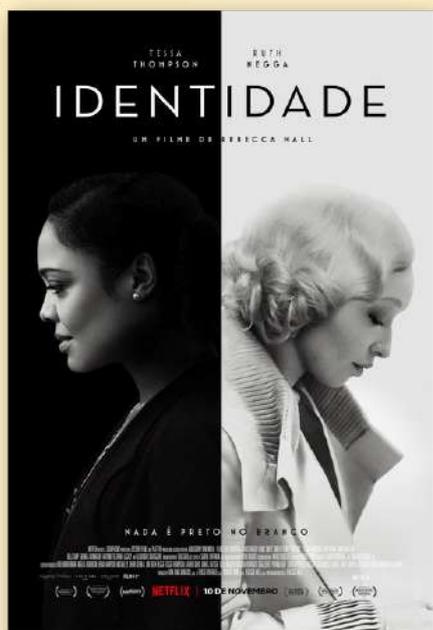
Indicações da Edição



ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

“Estrelas Além do Tempo” conta uma história real. Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), que ficaram conhecidas como “computadores humanos”, eram responsáveis por cálculos matemáticos complexos e essenciais nos primeiros anos do programa espacial dos EUA.





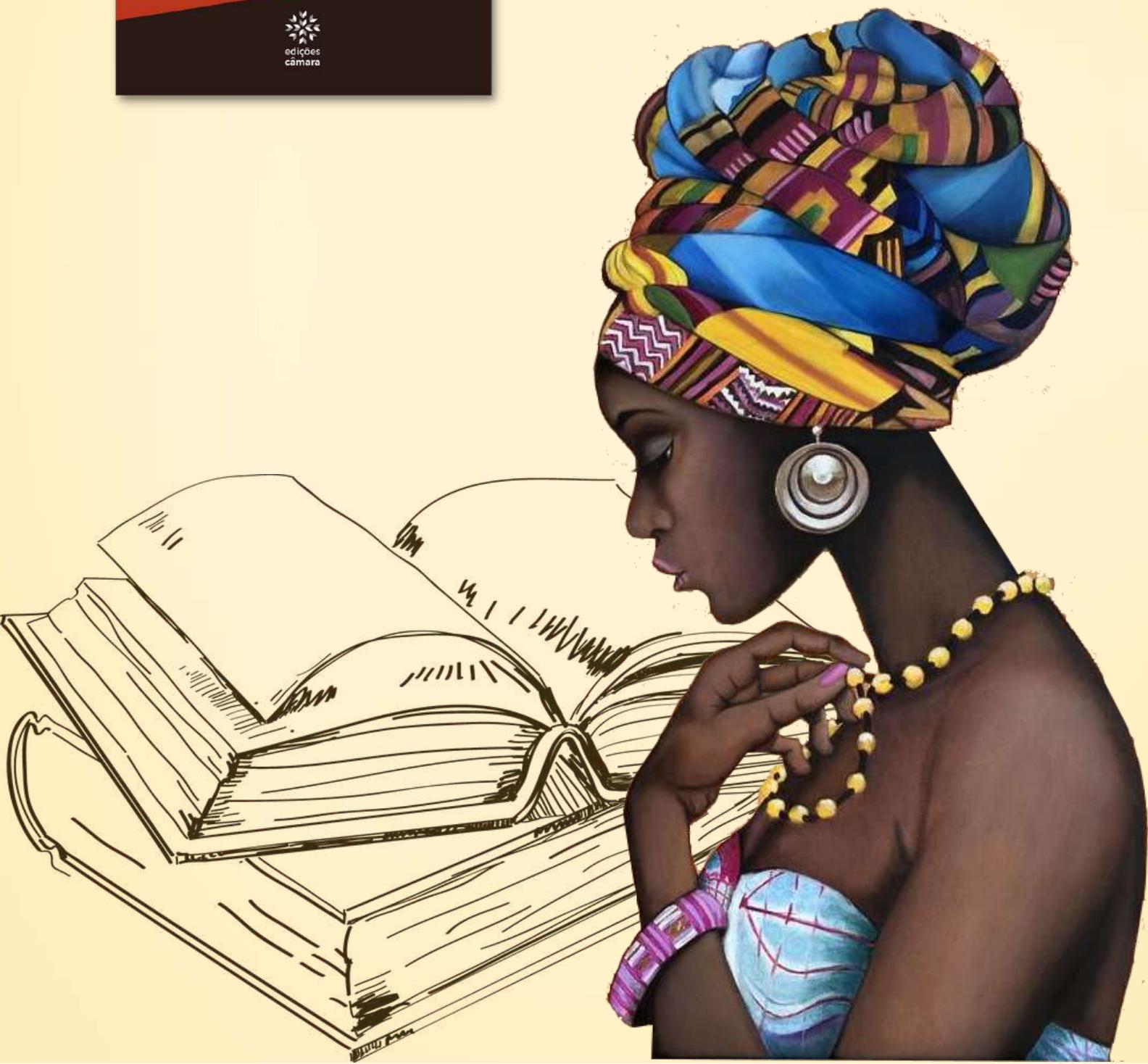
IDENTIDADE

O filme "Identidade", de 2021, é uma indicação da servidora Gê (Gessylane), que nos conta que a obra fala de racismo e relação queer pelas entrelinhas. Disponível na Netflix.



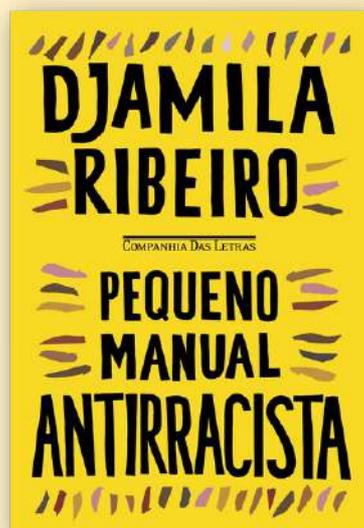


A importância da obra da autora maranhense **Maria Firmina dos Reis**, primeira escritora negra de que se tem notícia em nossa literatura, se deve ao pioneirismo na denúncia da opressão a negros e mulheres no Brasil. A obra literária **Úrsula** foi escrita em **1859** e trata de profundos quadros de miséria e exploração humana que compõem uma realidade escravagista. Clique na capa ao lado para baixar o livro!



Ainda como indicação da nossa colega **Gê**:

*"O livro **Pequeno manual antirracista**, de **Djamila Ribeiro**, mostra soluções de forma prática e direta e levanta questionamentos que devem ficar presos nas nossas cabeças para que assim possamos questionar e mudar a atual situação."*



Como sugestão de entrevista, ela indica a de **Laurentino Gomes**, jornalista Paranaense de Maringá, que esteve no programa de entrevistas Roda Viva em 11/07/2022. E diz:

"Seu engajamento por esclarecer o que foi a escravidão e o que ainda é o racismo no Brasil são impressionantes."

JUSTIÇA FEDERAL DO PARANÁ

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA

SEÇÃO DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Juiz Federal José Antonio Savaris
Diretor do Foro da Seção Judiciária do Paraná

Juíza Federal Anne Karina Stipp Amador Costa
Vice-Diretora do Foro da Seção Judiciária do Paraná

Daniela Hideko Ynoue
Diretora Administrativa da Seção Judiciária do Paraná

FICHA TÉCNICA

REDAÇÃO:

Tainã Paulino de Magalhães

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Tainã Paulino de Magalhães

REVISÃO:

Dulcinéia Tridapalli



*"Quando a
mulher negra se
movimenta, toda
a estrutura da
sociedade se
movimenta com
ela"*

ANGELA DAVIS